

Favila Nunes,
Repórter em Canudos

José Calasans

O autor é Vice-Reitor da Universidade Federal da Bahia. Sergipano de nascimento, é baiano por opção e o mais consultado canudólogo e conhecedor do fenômeno Conselheiro, sendo autor de vários livros, ensaios e artigos sobre o tema, que domina como ninguém. Organizou e mantém o Núcleo Sertão naquela Universidade, principal fonte de pesquisa para os estudiosos e curiosos de nossa História e é membro efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Júlio Procópio Favila Nunes, que a princípio assinava Júlio Procópio Pereira Nunes, conhecido nas rodas jornalísticas do seu tempo por *Favila Nunes*, foi correspondente especial da Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, junto às forças em operações contra Antonio Conselheiro e seus milhares de seguidores no povoado baiano de Canudos, denominado Belo Monte pelos jagunços. *No Calor da Hora*, livro de Walnice Nogueira Galvão¹, que contém vasto documentário a respeito dos repórteres e reportagens do evento, estão reproduzidas as cartas enviadas por Favila Nunes, que escreveu, logo após o término da Campanha, um livro em fascículos, sobre a história da guerra fratricida².

No presente estudo, vamos tentar reconstituir a biografia do jornalista, tratar de suas reportagens, dar uma notícia do seu livro, que julgamos não haver sido concluído.

BIOGRAFIA DE FAVILA NUNES

Natural de Bajé, Rio Grande do Sul, nasceu a 9 de abril de 1854, filho de Manuel Pereira Nunes e Margarida Favila Nunes. O pai foi alferes da Guarda Nacional, segundo consta em documento existente no Arquivo do Ministério do Exército. Favila Nunes alegou, sem documentar a afirmação, que ainda menor, participara da Guerra do Paraguai. Cedo entrou para a vida militar servindo no 5º Regimento de Cavalaria Ligeira e depois no 1º Regimento da arma. Fez alguns cursos militares, alcançando o posto de 1º Sargento. Obteve baixa em 1878. Dedicou-se, então, ao jornalismo, escrevendo para jornais do Rio de Janeiro, tendo ainda fundado e redigido gazetas de efêmera duração como o *Diário do Brasil* (1881), *Jornal da Noite* (1882), *Gazetilha* (1883), conforme Sacramento Blake, que acrescenta haver sido Favila Nunes sócio fundador da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em cuja revista colaborou³. Temperamento polêmico, andou às turras com o conhecido jornalista Apulcro de Castro, cujo fim trágico, em 1883, abalou a opinião pública, tendo sido assassinado, em pleno dia, por oficiais do Exército, injuriados pelo jornal *O Corsário*, dirigido pela vítima⁴.

No Rio, passou a ser funcionário público, inicialmente no lugar de amanuense da antiga Comissão Vacínico-Sanitária de São Cristóvão, transferido, na reforma de 1886, para a Secretaria da Inspeção Regional de Higiene, tendo pedido exoneração do cargo. Tentou, sem proveito, a vida comercial. Afeiçoado ao regime republicano, melhorou de situação com a proclamação da República, vindo a ser diretor da Comissão Central do Saneamento do Rio de Janeiro⁵.

Dedicando-se aos trabalhos estatísticos, consoante Blake, publicou alguns opúsculos, relacionados na Dicionário. O mais importante deles teria sido "A População, Território e Representação no Brasil, comparada com Diversos Países do Mundo", editada, no Rio,

em 1889. Conforme Sacramento, "este trabalho, na parte relativa à representação nacional, serviu de base para a confecção da Constituição da República"⁶.

Florianista exaltado, mereceu o posto de "coronel honorário" da República, sabendo-se que combateu, de armas nas mãos, a Revolta da Armada. Em 1903, aos 49 anos de idade, estava gravemente enfermo, tendo um dos seus filhos, Francisco Favila Nunes, a rogo do genitor, requerido sua inclusão no rol dos *beneficiados* pelo Asilo dos Inválidos, alegando sua condição de ex-sargento e oficial honorário. Sofria de arteriosclerose generalizada. Possuía família numerosa, não dispunha de recursos para se manter. Esteve internado no Hospital Central do Exército. Servira, ainda menino, no Corpo Provisório da Guarda Nacional, durante a Guerra do Paraguai, de 10 de fevereiro de 1866 a 15 de novembro de 1870⁷. Seu pedido foi indeferido⁸.

PRESENÇA EM CANUDOS

A Gazeta de Notícias, em sua edição de 17 de julho de 1897, noticiou: "Anteontem seguiu a bordo do Itaperuna, com destino à Bahia, o Sr Coronel Favila Nunes, que, na qualidade de correspondente especial desta folha, vai acompanhar as operações em Canudos. Confiado no zelo e nas habilitações do Sr Favila Nunes, que é um velho soldado da Campanha do Paraguai, contamos por esta forma, prestar informações mais completas sobre os acontecimentos da Guerra."

Outros jornais do Rio, de São Paulo, da Bahia, por intermédio de correspondentes especiais, acompanharam a luta sertaneja, segundo levantamento realizado por Walnice Nogueira Galvão⁹. Manuel Benício, pernambucano, radicado em Niterói, representou o *Jornal do Commercio* (Rio); Cisneiros Cavalcante, alferes, morto nos primeiros combates, Manuel Figueiredo e Alfredo Silva trabalharam para *A Notícia*, também no Rio; O País

aproveitou os serviços de um combatente, tenente José de Siqueira Menezes, com o pseudônimo de Hoche; o Estado de São Paulo mandou o mais famoso de todos, o engenheiro Euclides Rodrigues da Cunha; Lelis Piedade, Bahia, foi o informante do *Jornal de Notícias*. Alguns deles, Euclides da Cunha, Manuel Benício, Lelis Piedade, após o conflito, reuniram em livro o resultado de suas reportagens, dando-lhe feição especial, como foi o caso do autor de *Os Sertões*. Favila Nunes tomou um rumo diferente na publicação do seu livro. Resolveu fazê-lo em fascículos, com assinaturas. Parece que não chegou a concluir a tarefa. Como já observamos em nota de pé de página, somente temos notícia de um fascículo, o terceiro, além de informação da imprensa carioca a respeito do lançamento do fascículo nº 1.

Favila acompanhou o 24 B.I., comandado pelo Coronel Rafael Tobias, unidade integrante da Brigada Girard, mandada em auxílio das forças da 4ª Expedição, que com sérias dificuldades sitiavam o povoado do Conselheiro. Em Salvador, o primeiro trabalho do correspondente especial da *Gazeta de Notícias* foi entrevistar o governador do Estado, conselheiro Luiz Viana. Os adversários políticos do executivo baiano, que eram atuantes, contando com a declarada simpatia de alguns chefes militares, haviam criado um clima hostil a Luiz Viana, ora acusado de haver provocado a luta de Canudos, ora de ter tendências contra o Exército, ora de não haver prestado a necessária ajuda às *primeiras* expedições. Objetivamente Favila Nunes, que ouviu Luiz Viana no Palácio da Vitória, residência oficial do Governador, colocou em seu questionário tudo quanto se propalava a respeito das ações do entrevistado. Aproveitando para fazer um retrospecto de sua vida pública, o *Governador* não deixou pergunta sem resposta, defendendo-se com calor das acusações que lhe eram feitas¹⁰. Querendo mostrar sua neutralidade, Favila ouviu também o ex-governador do Estado, José Gonçalves da Silva, inimigo ferrenho de Luiz Viana, enviando um questionário para a Fazenda Piabas, município do Senhor do Bonfim, onde morava o segundo entrevistado. As duas entrevistas revelam o grau de hostilidades recíprocas, o clima de luta existente nos quadros políticos do Estado, Favila, diante da repercussão do seu trabalho de homem de imprensa, reconheceu que jogara mais pólvora no fogo crepitante da porfia provinciana. "As entrevistas que tive, em razão do

meu ofício, com os Srs. Luiz Viana, Governador, e o general José Gonçalves, chefe das facções políticas daqui, tem dado pano para as mangas. O major Febrônio, meu velho camarada e amigo, diz pelo *Republicano*, de 25 de agosto, que o ilustre governador da Bahia forjicou *interview*, tachando-a de caricata. Por outro lado, o ilustre general José Gonçalves no mesmo jornal, diz que eu sou muito sagaz. Expliquemo-nos. Na minha qualidade de representante de um jornal neutro, não tenho nem devo ter política: devo ser o que sou – a personificação da neutralidade. Ver, ouvir e contar é a minha obrigação¹¹.

O repórter passou por Queimados e Monte Santo, pontos principais na jornada para Canudos, chegando ao local de embate sangrento a 19 de setembro. Durante o período em que esteve nas duas localidades, mostrou-se constante na remessa do noticiário ao seu jornal carioca. Nas cartas, revela seu apreço aos comandantes militares, referindo-se à estima pessoal que o ligava a muitos deles, quer do seu tempo de sargento de Cavalaria no Rio Grande do Sul, quer da época em que pelejou contra os revoltosos da Armada no Rio de Janeiro. No modo de tratar os oficiais demonstra sua posição política. Um republicano exaltado, convicto que o regime de 89 teria salvo pelos bravos soldados da Expedição de Artur Oscar. Os *heroicos* combatentes da causa republicana salvariam a obra magnífica de 15 de novembro. Não perdia o ensejo de elogiar os homens de farda. Falando do Ministro da Guerra, marechal Machado Bitencourt que ele viu chegando a Monte Santo, declara: "Alta patente, ministro da Guerra, moço, robusto, simpático, sua presença neste sertão, em momento tão angustiado, é um poderoso alento, uma promessa de vitória, uma esperança fundada."¹² A propósito de Artur Oscar, diz haver o mesmo "aclamado o primeiro herói da República"¹³. Falando do general João da Silva Barbosa, seu antigo comandante, comenta: "Tão valente e ousado no campo de batalha, quanto modesto e acanhado fora dele. Todos dizem – não parece um general - tal a sua ilhanesa com todos, conhecidos ou não, sejam ou não militares."¹⁴ A respeito, porém, dos jagunços sua linguagem é bem outra. Por exemplo: "A nossa artilharia, hoje reduzida a Krupp 71/2, tem hostilizado vantajosamente os inimigos. Um projétil matou 22 jagunços. Bendita granada."¹⁵ Descreve, friamente, a morte de um conselheirista. "Anteontem à

noite, na linha em que está este bravo batalhão amazonense, apareceu um jagunço declarando sua qualidade. Chamava-se José Calixto do Nascimento e era comandante da guarda católica de Antonio Conselheiro. Estando muito ativo o combate, ele *morreu* (grifo de Favila) e muito ativo o incêndio ele teve o mau gosto de *incinerar-se*. Vi as suas cinzas, que são iguais a todas as cinzas – muita potassa com a diferença de serem estas glicerinadas."¹⁶

Recordando seus tempos de soldado, Favila Nunes, vez por outra, narra seus próprios feitos guerreiros, tendo numa mão sua carabina e na outra sua caderneta de repórter... Pelo que noticiou, apresentou-se diante dos temíveis inimigos como um misto de repórter e combatente, orgulhoso de estar lutando, ainda uma vez, como um florianista fanático. Desembarcou no Rio de Janeiro, segundo *O País*, em 6 de novembro de 1897, trazendo "no peito uma medalha com o *busto* do marechal Floriano".

LEGADO DE GUERRA

Favila Nunes era um homem de excentricidade. Resolveu formar sua "coleção jaguncica", formada das mais variadas peças encontradas no seio da jagunçada. Apanhou, no santuário do Conselheiro, no dia da exumação do cadáver do líder carismático, "um crucifixo de metal, todo queimado, que estava no meio do entulho."¹⁷ Comprou a um soldado, por preço "bem caro", um porco do mato, caititu, levando-o para o Rio de Janeiro, juntamente com espinhos do sertão, mandacaru, cabeça de frade, xique-xique, palmotria, favela, macambira, cansanção, crauá, bico de papagaio, rabo-de-raposa, cravatá, juá (três qualidades) e até raiz de umbu, tudo isto guardado numa canastra.¹⁸ Arranjou também, diversas cartas de jagunços, material, aliás, de importância para o conhecimento da vida cotidiana do Belo Monte, que ele divulgou no seu livro inacabado. Ganhou também duas jaguncinhas, com as quais desembarcou ufano no Rio de Janeiro, segundo *O País*. "Ao lado de sua esposa e filhos, radiante de alegria por tê-los junto a si,

vimos duas crianças alvas e simpáticas. São duas jagunças que o nosso colega trouxe e incorporou à sua família."¹⁹ Ele nos relata alguma coisa sobre as jaguncinhas. Numa correspondência de 26 de setembro, registra: "O general Artur Oscar, que sabe alçar à bravura denodada de soldado, um belo coração de pai, dá gostosamente estas crianças a quem as queira tratar e por isso eu levarei a minha pobre Josefa. Quase todos os oficiais já têm uma desgraçadinha destas para proteger, o que se faz com o maior carinho e dedicação. Até o próprio general Artur Oscar tem uma e o general Barbosa duas protegidas."²⁰ Mais adiante, outra nota sobre as jaguncinhas. "Enquanto reunia a minha tropa, um animal com cargas de barracas e alguns víveres para a viagem, outro com uma jaguncinha montada e o meu camarada, que tangia os animais, de pé, trazendo eu ao colo outra jaguncinha menor, olhei em redor de mim. Estava em pleno acampamento anterior ao assalto do dia 18 de julho."²¹ Noutro trecho, dá o nome de suas pequenas acompanhantes, Josefa e Honória, por sinal irmãs.²²

Voltando à capital federal, naturalmente com dificuldades financeiras, tomou a resolução de vender o caititu e as coisas levadas na canastra. Anunciou a venda pelas colunas da Gazeta de Notícias, a 23 de janeiro de 1898. O anúncio é interessante. Vale a pena conhecê-lo: "Canudos. Vende-se um bonito caititu (porco do mato) apanhado em Canudos, atrás da igreja nova, onde foi criado. É muito manso e dá pelo nome de *jagunço*, e tão limpo que dorme até com crianças e acompanha qualquer pessoa como um cachorrinho. Para ver e tratar no Boulevard 28 de setembro 75. Vila Isabel. Também se vende uma coleção de espinhos de Canudos, sendo: cabeça de frade, xique-xique, rabo de raposa, favela, calumbi etc."²³

O LIVRO DE FAVILA NUNES

Durante o desenrolar da Guerra de Canudos, a tônica da imprensa e dos pronunciamentos oficiais era o caráter monarquista do movimento sertanejo, que contaria

com o apoio dos restauradores do Rio de Janeiro e São Paulo. Uma clara e bem articulada ameaça à República. Antonio Conselheiro e seus seguidores eram a vanguarda sebastianista, encarregada de desviar dos principais centros do País as forças republicanas para o bom êxito do ardiloso plano, no momento oportuno. Cada insucesso das cortes legais contribuiria para o reforçamento dos partidários da volta monárquica.

Salvar, pois, o regime instituído a 15 de novembro de 1889, era o grito de guerra dos jacobinos, dos florianistas que acusavam as autoridades civis de fraqueza, senão mesmo, em alguns casos, de conivência como os saudosistas rebelados. Prudente de Moraes, presidente da República, não ficou livre da pecha de fraco, faltando-lhe energia para esmagar o atrevimento dos partidários do Império. A Bahia e seu governador figuraram na lista dos suspeitos. Propalava-se ser a Velha Província o refúgio de uma ideia morta, a monarquia. Finda a refrega, Luiz Viana, num discurso de saudação ao general Artur Oscar, proclamou alto e em bom som que a "Bahia é republicana porque o é e porque quer ser". Respondendo à saudação, o general vitorioso afirmou o republicanismo baiano. Os discursos deram que falar. Júlio Procópio Favila Nunes, que durante o choque armado, acreditava no monarquismo canudense, veio a público com outra interpretação.

O *Jornal do Commercio*, na secção Gazetilha, informou haver o general Artur Oscar, em seu pronunciamento na Bahia, declarado que Canudos não era um reduto monarquista. O general Carlos Eugênio de Andrade Guimarães, irmão do comandante-em-chefe da Quarta Expedição, também combatente em Canudos, pediu esclarecimentos ao mano, que retornara ao Recife. Oscar reafirmou o caráter anti-republicano da movimentação interiorana, informando que somente afirmara que "a Bahia não é monarquista tal a ajuda que Luiz Viana prestara ao Exército". Diante do esclarecimento, Carlos Eugênio sustentou seu ponto de vista. Canudos era monarquista.

A 2 de janeiro de 1898, a *Gazeta de Notícias* divulgou uma carta de Favila Nunes, nos seguintes termos: *Sobre Canudos. O Paiz* publicou ontem, subordinada a este título, uma carta do meu amigo, general Carlos Eugênio e um telegrama também do meu velho amigo, general Artur Oscar, afirmando um e outro dos dois ilustres generais que a guerra de Canudos tinha intuídos monarquistas. Eu também pensei isso enquanto Canudos não caiu em nosso poder, mas a 5 de outubro, me convenci do contrário visto que ninguém encontrou o menor indício de proteção por parte dos supostos inimigos da República. Uma população enorme, acumulada em seis mil ranchos, não tinha uma cadeira, uma mesa, uma só cama. Os combatentes não souberam utilizar-se de quatro canhões Krupp 75 e não sabiam fazer uso da alça de mira das carabinas que nos tomaram nas expedições anteriores."

"Viviam na mais absoluta miséria e morreram de fome e sede, sem ter ao menos quem lhe fizesse um curativo nos ferimentos mais graves. Em que consistia, então, essa imaginária proteção monárquica?"

"Animado pelo Venerando Presidente da República, vou escrever a verdadeira história de Canudos. As causas da Guerra e de novos desastres são outras que ninguém quer dizer, mas eu direi, porque sou obrigado a dizer a verdade com testemunha ocular. 1 de janeiro de 1898."²⁴

O livro anunciado, uma publicação em fascículos, com o apoio financeiro de assinantes, apareceu em janeiro de 1898, quando foi lançado, segundo nota divulgada pela *Gazeta de Notícias*,²⁵ nos termos seguintes: "Está sendo publicada em fascículos, dos quais o primeiro sairá quarta-feira, a História de Canudos, escrita pelo nosso colega de imprensa Favila Nunes, que a acompanhou nas últimas operações nos sertões da Bahia, como correspondente da *Gazeta de Notícias*."

"A autenticidade das informações bebidas *in loco*, assim como o espírito de análise imparcial que, segundo nos informaram, presidiu a elaboração deste trabalho, torna-lo-ão extremamente interessante para o público, ávido de conhecer toda a verdade sobre essa triste e curiosa página de nossa história."

O projeto do livro, tal como se apresenta no fascículo conhecido, é deveras ousado. Mais de 1.000 páginas estavam anunciadas, custando cada fascículo 10\$000 (dez mil réis). A obra estava dividida em volumes e os volumes em fascículos. Para êxito financeiro do empreendimento editorial, o autor tentou as assinaturas. No fascículo nº 3, Vol. I, figuram 53 assinantes, numa revelação que começava na letra A e terminava em J. Alguns dos soldados da Campanha nela aparecem, entre eles, o próprio Artur Oscar.

O fascículo III vai da página 29 até a página 40. Temos a impressão de um fascículo incompleto.

De que trata o exemplar em questão? Contém, na maioria de suas folhas, cartas de jagunços certamente recolhidas pelo autor durante as invasões às casinholas dos conselheiristas. Algumas de indiscutível influência para o melhor conhecimento de vida cotidiana no Belo Monte. Outras, em número bem menor, falam da política nacional, da Revolta da Armada. Ocupando algumas páginas a famosa profecia citada por Euclides da Cunha. Por sinal, diz Favila: "E para completar este capítulo (o de nº 3), vai aí a prova da *mácula* mentalidade do poderoso e tímido sebastianista que tanto assombrou o mundo. São as profecias que as copiei em Canudos do próprio original que se acha em poder do meu colega de imprensa, Dr. Euclides da Cunha." O capítulo termina assim: "Nos capítulos seguintes, mostraremos quais os elementos que contrariam o Império do Belo Monte." O capítulo IV uma única página, descreve a viagem do escritor até Queimadas.

Pelo visto, além das cartas dos jagunços, nada de importante, nenhum comentário crítico, nenhum estudo das causas do conflito de 1896-97.

O julgamento de Júlio Procópio Favila Nunes, portanto, não pode ser feito com a leitura do seu "livro" senão pela sua condição de repórter de guerra, que em verdade lhe é favorável. Bom informante, embora dominado pela exaltação republicana.

NOTAS:

1 Galvão, Walnice Nogueira. No Calor da Hora. A guerra de Canudos nos jornais da 4ª Expedição. São Paulo, Editora Ática, 1974.

2 Guerra de Canudos, narrativa histórica por J.P. Favila Nunes, correspondente especial da Gazeta de Notícias junto às forças em operações nos sertões da Bahia, Fascículo nº 3, Volume I, Rio de Janeiro. Typografia Moraes. Rua de S. José, 35, 1898. Único exemplar que conhecemos. Encontra-se no Núcleo Sertão, do Centro de Estudos Baianos, Universidade Federal da Bahia, Salvador. O título do livro, segundo Sacramento Blake, é História de Canudos.

3 Blake, Augusto Vitorino Alves Sacramento. Dicionário Bibliográfico Brasileiro, Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1899. 5º Vol., págs. 365/6.

4 A propósito da morte de Apulco de Castro, ler Pedro Calmon, História de Pedro II, Rio de Janeiro. J. Olímpio, Vol. 3º, págs. 1280/81.

5 Blake, op. cit. pág. 1281.

6 Blake, op. cit. pág. 1281.

7 Documento no processo existente no Arquivo do Ministério do Exército, 1903.

8 Não conseguimos saber a época do seu falecimento.

9 Galvão, Walnice, op. Cit.

10 Walnice Galvão, no seu livro já referido, divulgou todas as reportagens de Favila, a começar pela entrevista acima citada na época, aliás, reproduzida em folheto editado em Feira de Santana, parece-nos por iniciativa dos amigos de Viana. "Interview. O Governador do Estado da Bahia, Dr. Luiz Viana e o representante da Gazeta de Notícias do Rio. Agosto de 1987. Distribuição gratuita. Feira Typ d'O Propulsor. Rua Barão de Cotegipe, n. 61, 1897.

11 O título de general de José Gonçalves era honorário. O Febrônio referido é o major Frebônio de Brito, comandante da 2ª Expedição contra Canudos, que trocara doestos com os partidários de Luiz Viana pela imprensa. Queixava-se de falta de ajuda governamental, enquanto os vianistas apontavam o major como responsável pelo insucesso das armas legais.

12 Galvão, Walnice - op. cit. p. 176.

13 Idem, ibidem, pág. 211.

14 Idem, ibidem, pág. 219.

15 Idem, ibidem, pág. 182.

16 Idem, ibidem, pág. 196.

17 Galvão, Walnice - op. cit. p. 211.

18 Idem, ibidem, pág. 221.

19 O Paiz, de 6 de novembro de 1897.

20 Walnice, op, cit. pág. 193.

21Walnice, op, cit. pág. 215.

22 Idem, ibidem, pág. 221.

23 O porco do mato pertenceu às filhas de mestre Faustino, responsável pelas obras das igrejas do conselheiro. No concernente a jaguncinhos e jaguncinhas, acreditamos que haveria muita coisa a anotar, trabalho de que se devia dedicar algum pesquisador canudense. Há aspectos humanos em tal estudo.

24 Favila procurou Prudente de Moraes pleiteando um lugar na Prefeitura do D. Federal.

25 Gazeta de Notícias, Rio 23 de janeiro de 1898.